



Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

**Atena**
Editora
Ano 2021



Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia: espaço, ambiente e sociedade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: espaço, ambiente e sociedade / Organizador
Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-784-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.847211412>

1. Geografia. I. Basquerote, Adilson Tadeu
(Organizador). II. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra: “**Geografia: Espaço, ambiente e sociedade 1**”, reúne essencialmente estudos que centram-se na temática da Geografia como ciência, em diferentes contextos e perspectivas. Por meio de pesquisas transdisciplinares, revela-se a constituição do espaço geográfico como sendo o palco das realizações humanas, passíveis de serem analisadas, catalogadas e classificadas pelas inúmeras especialidades da ciência geográfica.

Entre os temas abordados destacam-se processos de ensino e aprendizagem, trabalho informal, crescimento econômico x crescimento social, mobilidade, violência e ocupação urbana, conflitos agrários e criminalidade, patrimônio arqueológico e alimentar, fronteiras raciais, turismo, entre outros. Fruto de esforços de pesquisadores de diferentes regiões e instituições brasileiras, venezuelanas e mexicanas, o livro é composto por quinze capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, que entrecruzam distintos conceitos da Geografia e de outras áreas do conhecimento.

Nesse interim, o livro reflete o cenário de estudos recentes, contextualizados, e com aprofundamento científico para a área que se propõe. Além disso, seus capítulos se configuram com um contributo no entendimento da construção do espaço geográfico, suas nuances e contradições. Além disso, reforça a prerrogativa da Editora Atena, na publicação de obras que vão ao encontro da dinamização científica nas diferentes áreas do conhecimento.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA POÉTICA INDÍGENA DO LUGAR AMAZÔNICO


Francisco Marqueline Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114121>

CAPÍTULO 2..... 14

A MAIOR IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR-APRENDER GEOGRAFIA NA ESCOLA
SEGUNDO PROFESSORES E ESTUDANTES DE GEOGRAFIA


Sérgio Luiz Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114122>

CAPÍTULO 3..... 28

A INFORMALIDADE NAS RUAS DE FEIRA DE SANTANA – BA


Alessandra Oliveira Teles

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114123>

CAPÍTULO 4..... 39

CAMPINAS, A CIDADE MAIS SURPREENDENTE DO BRASIL: ENTRE OS ÍNDICES
METROPOLITANOS E AS LEIS MUNICIPAIS


Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114124>

CAPÍTULO 5..... 53

DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X
DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO

Fernando Ribeiro Camaz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114125>

CAPÍTULO 6..... 71

MOBILIDADE URBANA: PROCESSO DE INTEGRAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DA
REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO RIO CUIABÁ (RMVRC)

Maristene Amaral Matos

Cornélio Silvano Vilarinho Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114126>

CAPÍTULO 7..... 82

OCUPAÇÃO URBANA DO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA: O AVANÇO SOBRE O
SÍTIO ARQUEOLÓGICO SAMBAQUI GAROPABA DO SUL


Carolina Porto Luiz







Geovan Martins Guimarães


Bruna Cataneo Zamparetti

José Gustavo Santos da Silva

Juliano Bitencourt Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114127>

CAPÍTULO 8	95
UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA URBANA/REGIONAL DA PROVÍNCIA FLUMINENSE	
Valter Luiz de Macedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114128	
CAPÍTULO 9	109
VIOLÊNCIA URBANA E TRÂNSITO. ANÁLISE ESPACIAL DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA, ES	
Liziane de Oliveira Jorge	
Giovanna Souza Piassi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8472114129	
CAPÍTULO 10	123
ZONIFICACIÓN Y ORDENAMIENTO TURÍSTICO DEL CANTÓN ZAMORA- ECUADOR	
María Gabriela Suasnavas-Rodríguez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141210	
CAPÍTULO 11	135
CONFLITOS AGRÁRIOS, VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE: BRAVOS CAMPONESES E A LUTA PELA(O) TERRA/TERRITÓRIO EM BALSAS NO MARANHÃO – BRASIL	
Vanderson Viana Rodrigues	
Eliezer Henrique da Silva Sousa	
Ademir Terra	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141211	
CAPÍTULO 12	149
MEDIDAS PARA LA REDUCCIÓN DE LA VULNERABILIDAD DEL ACUEDUCTO RURAL DE POTOSÍ, PARROQUIA LA FLORIDA, MUNICIPIO CÁRDENAS, ESTADO TÁCHIRA, VENEZUELA	
Carmelina González Ramírez	
Betty Judith Ramírez Chaparro	
Sandra Yusbeth Bustillos Leal	
Karena Rodríguez Acero	
Cleomary Oliveros Oliveros	
Daniela Rey Romero	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141212	
CAPÍTULO 13	164
FRONTEIRAS RACIAIS E GENOCÍDIO DAS COMUNIDADES NEGRAS COVID-19	
Elinton Fabio Romão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141213	
CAPÍTULO 14	176
ALIMENTAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
Vandreza Amante Gabriel	
Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da Silva	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141214>

CAPÍTULO 15..... 187


INVESTIGAÇÃO DA CORRELAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ENA (ENERGIA NATURAL AFLUENTE) PARA A PRODUÇÃO DE ENERGIA BRASILEIRA ATRAVÉS DA ANÁLISE MULTIVARIADA, COMO FATOR RELEVANTE DE ANÁLISE DA CRISE HÍDRICA

Débora Gaspar Soares

Glenda Rafaela de Sousa Quirino

Juliana da Fonseca Meira

Mariana Torres Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84721141215>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 199

ÍNDICE REMISSIVO..... 200

CAPÍTULO 2

A MAIOR IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR- APRENDER GEOGRAFIA NA ESCOLA SEGUNDO PROFESSORES E ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 18/09/2021

Sérgio Luiz Miranda

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto
de Geografia
Uberlândia – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/0820692770153275>

Parte desse trabalho foi apresentação no XIX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) da Associação Nacional dos Geógrafos Brasileiros (AGB), realizado de 1 a 7 de julho de 2018 em João Pessoa-PB, e publicado como artigo na Revista de Ensino de Geografia (v. 9, n. 16, p. 135-154, jan./jun. 2018), sendo revisado e atualizado para esta publicação como capítulo de livro.

RESUMO: Qual é a maior importância de se ensinar-aprender geografia na escola? Esta pergunta foi feita a estudantes e professores de cursos de graduação em Geografia e a professores da disciplina na educação básica que participavam de um evento nacional sobre ensino de geografia. Para a pesquisa de campo, foi utilizada entrevista estruturada com aplicação de questionário. Foram entrevistados 156 sujeitos de doze estados brasileiros, das cinco regiões do país. Na análise dos resultados, as respostas dos sujeitos foram classificadas a partir de ideias nucleares ou centrais e comparadas em termos quantitativos e qualitativos. Para a maioria dos sujeitos da pesquisa, a maior importância da Geografia

na escola não está relacionada com aspectos específicos do conhecimento geográfico, mas com aspectos gerais da formação na educação básica e que são comuns a todas as disciplinas. Nas respostas dos sujeitos podem-se observar aproximações e identificação com o ideário da Geografia Crítica. No entanto, indefinição, desconsideração ou desconhecimento da função própria e da contribuição específica da disciplina na formação do aluno na escola fragiliza sua defesa como componente curricular obrigatório para toda a educação básica, principalmente no contexto da atual reforma do ensino médio em implantação no país.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma educacional. Ensino médio. Conhecimento geográfico. Licenciatura.

THE MAJOR IMPORTANCE OF TEACHING-LEARNING GEOGRAPHY IN SCHOOL ACCORDING TO GEOGRAPHY TEACHERS AND STUDENTS

ABSTRACT: Which is the major importance of teaching-learning geography in school? This question was made to students and teachers of graduating courses of Geography and to teachers of the subject in the basic education who attended a national event on geography teaching. For the field research, a structured interview with a questionnaire was used. 156 subjects from twelve Brazilian states, of the five regions of the country, were interviewed. In the analysis of the results, the answers of the subjects were classified based on core or central ideas and compared in quantitative and

qualitative terms. For most subjects of the research, the major importance of Geography in school is not related with specific aspects of the geographic knowledge, but rather with general aspects of the formation in basic education which are common to all disciplines. In the answers of the subjects, one can observe approximations and identification with the ideology of Critical Geography. However, undefinition, disregard or ignorance of the specific function and contribution of the discipline in the formation of the student in school weakens its defense as a mandatory curricular component for all basic education, especially in the context of the current high school reform being implemented in the country.

KEYWORDS: Education reform. High School. Geographic knowledge. Degree.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto é apresentar e discutir os resultados da análise das respostas dadas por estudantes e professores de geografia à seguinte pergunta: *Para você, qual é a maior importância de se ensinar-aprender geografia na escola?*

Saber o que professores e estudantes de geografia pensam sobre a importância da presença dessa disciplina no currículo da educação básica pode contribuir para o conhecimento acerca das concepções de geografia presentes na formação tanto nas escolas quanto nas universidades e proporcionar subsídios para o debate na defesa da manutenção da Geografia como componente curricular obrigatório em toda a educação básica.

Defender a presença da Geografia como disciplina obrigatória nas escolas ainda se faz necessário em nosso país no início da terceira década do século XXI. Mesmo diante da realidade socioespacial do mundo na contemporaneidade, em que se multiplicam, se potencializam e se globalizam contradições, desigualdades, crises e conflitos em diferentes esferas e escalas da vida social, envolvendo questões que afetam desde a rotina das pessoas em suas atividades cotidianas, no espaço imediato, até a situação social e econômica do país, a geopolítica internacional e a existência da vida no planeta. Realidade que não pode ser apreendida, compreendida, explicada, apropriada pelos sujeitos sem sua dimensão espacial produzida histórica e socialmente, ou seja, o espaço geográfico, o que torna a Geografia cada vez mais indispensável para a formação do cidadão de fato:

O cidadão se definiria como tal, quando vivesse a condição de seu espaço enquanto espaço social, reconhecendo sua produção e se reconhecendo nela. É infracidadão aquele que não se reconhece em sua obra e vivência, de forma totalmente alienada, suas relações humanas, sendo seu espaço vivido reduzido ao espaço geométrico. Essa restrição da vivência não atinge somente os mais pobres, embora os alcance preferencialmente. Os termos da produção do espaço envolvem a redefinição da qualidade dos espaços produzidos. Prevaecem os espaços redutores, que já não são espaços de vida, mas espaços ressecados, de relações sociais e afetivas reduzidas. (DAMIANI, 1999, p. 52)

Defender a Geografia na formação dos alunos em todas as escolas de educação

básica do país se faz urgente nesse momento diante da ameaça colocada, mais uma vez, pelas reformas neoliberais no campo da Educação que, no Brasil, vêm se desdobrando de governo em governo desde a década de 1990. Nos últimos anos, o alvo principal dessas reformas tem sido o ensino médio, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e a promulgação da Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (BRASIL, 2017), cujas mudanças profundas que institui afetam diretamente a Geografia no currículo do ensino médio que, inclusive, deixa de ser oferecida como disciplina obrigatória nos dois últimos anos da etapa final da educação básica, assim como outras disciplinas.

Essa situação se configura pelo estabelecimento dos chamados “itinerários formativos”, pelos quais os alunos escolherão as áreas de conhecimento, e seus componentes curriculares, ou de formação técnica que cursarão nos dois últimos anos do ensino médio conforme suas preferências ou projetos de vida ligados ao trabalho ou à continuidade de estudos em nível superior. A Base Nacional Comum Curricular para o ensino médio define como disciplinas obrigatórias nos três anos da educação básica apenas Matemática e Língua Portuguesa.

A defesa da Geografia Escolar na formação básica de todo brasileiro e, portanto, como componente curricular obrigatório da educação básica, se faz necessária para a formação geral do aluno como cidadão, no sentido anteriormente exposto, e, logo, para a construção da cidadania de fato em nosso país. No entanto, essa defesa só terá força e eficácia se houver compreensão e reconhecimento pela sociedade da contribuição própria ou específica da Geografia para a formação do aluno cidadão, o que a diferencia das demais disciplinas e lhe atribui uma importância particular como um saber necessário a todos e que, assim, justifica sua presença obrigatória no currículo escolar de toda a educação básica.

Diante desse quadro é que tomamos para análise um conjunto delimitado de dados coletados em uma pesquisa sobre a docência em Geografia para verificar a importância que estudantes e professores de geografia atribuem a essa disciplina na escola. O que há de comum e diverso nas respostas dadas por estudantes de graduação e professores de geografia da educação básica e da educação superior? A importância que atribuem ao ensino-aprendizagem de Geografia na escola está relacionada com aspectos específicos do conhecimento geográfico que justificam sua presença no currículo da educação básica? Apresentaremos uma análise das respostas dos sujeitos e os resultados dessa análise para uma defesa mais consistente, fundamentada e convincente da Geografia no currículo de toda a educação básica, o que passa pela valorização da Geografia por nossa sociedade.

2 | O CONTEXTO E OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os dados analisados nesse estudo foram coletados em trabalho de campo realizado no VII Encontro Nacional de Ensino de Geografia: Fala Professor, ocorrido entre os dias

11 e 15 de novembro de 2011 na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). O trabalho fez parte de uma pesquisa enfocando a docência em geografia, realizada enquanto prática como componente curricular com alunos do curso de graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) do Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), durante o segundo semestre de 2011 e o primeiro de 2012. A pesquisa como um todo, sua metodologia geral e o contexto da realização com duas turmas do curso de graduação foram apresentados por Miranda e Barbosa (2012). A análise que apresentaremos aqui não foi feita por nenhum dos grupos de trabalho formados pelos alunos no desenvolvimento do projeto.

O Encontro Nacional de Ensino de Geografia: Fala Professor, evento quadrienal realizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), reúne estudantes, docentes, pesquisadores e demais interessados em questões relativas à Geografia Escolar, à docência e à formação em Geografia, razão pela qual foi definido como campo para coleta de dados para a pesquisa que se iniciava no semestre em que aconteceria a 7.a edição daquele evento.

Os sujeitos participantes da pesquisa eram alunos de graduação em Geografia, professores da disciplina na educação básica e de cursos de Geografia na educação superior (para os quais empregaremos as abreviaturas AG, PEB e PES, respectivamente). Ao todo, são 156 sujeitos, assim divididos: 71 AG, 54 PEB e 31 PES.

Os alunos de graduação (AG) tinham idades entre 17 e 35 anos, predominando a faixa etária entre 17 e 22 anos (55%), sendo a maioria absoluta de estudantes de universidades públicas (97%) e de cursos de licenciatura (76%), sendo que 20% cursavam licenciatura e bacharelado e apenas 4%, só bacharelado.

Dentre os professores de educação básica (PEB), com idades entre 20 e 57 anos, predominava a faixa etária de 20 a 30 anos (52%), com tempo de magistério variando entre 1 e 30 anos, sendo 76% com até 10 anos de experiência na docência em Geografia na educação básica, 11% de 11 a 20 anos e apenas 9% com esse tempo entre 23 e 30 anos. A maioria cursou graduação em instituições públicas (81%) e exerce a docência nos ensinos fundamental e médio também em escolas públicas (70%), sendo que 17% trabalhavam em escolas públicas e privadas e 13%, apenas em instituições particulares. Quanto à titulação acadêmica, a maioria tem apenas graduação (54%), seguida dos que possuíam especialização (22%), mestrado (17%), pós-doutorado (5%) e doutorado (2%).

Quanto aos professores de educação superior (PES), com idades variando entre 32 e 67 anos, predominava a faixa etária de 32 a 47 anos (68%). A maioria tem graduação em instituições públicas (87%), sendo 70% com licenciatura e bacharelado, 25% só licenciatura e 3% (1 docente) só bacharelado. Em relação à titulação acadêmica, 64% têm doutorado, 19% pós-doutorado, 13% mestrado e 3% (1 docente), apenas especialização. São na grande maioria docentes de instituições públicas (90%) com experiência docente de 5 meses a 27 anos na educação superior, sendo 55% com até 10 anos; 35% de 11 a

20 anos; e 10% de 24 a 27 anos de ensino superior. Importante destacar que a maioria (80%) desses professores de educação superior também possuía experiência docente em Geografia na educação básica em escolas públicas (50%), sendo que 26% ministraram a disciplina em escolas públicas e privadas. O tempo de experiência desses docentes na educação básica antes de ingressarem no magistério superior varia de 2 a 30 anos, sendo que para a maioria (52%, 16 professores) foi de 10 anos ou mais.

As instituições onde estudavam ou trabalhavam os sujeitos da pesquisa se distribuem pelas cinco grandes regiões administrativas do país, mas em apenas 12 estados e fortemente concentradas na Região Sudeste, como se apresenta nos gráficos a seguir (Figuras 1 e 2).

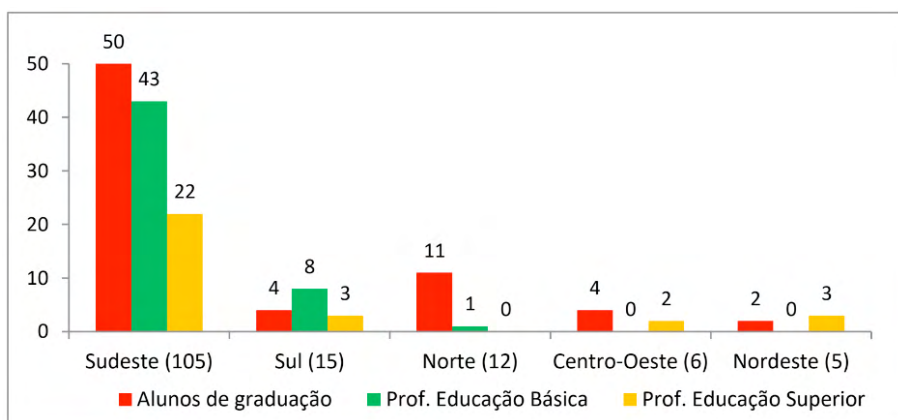


Figura 1: Distribuição por região das instituições em que estudavam ou trabalhavam os sujeitos (Total da região).

Fonte: pesquisa direta.

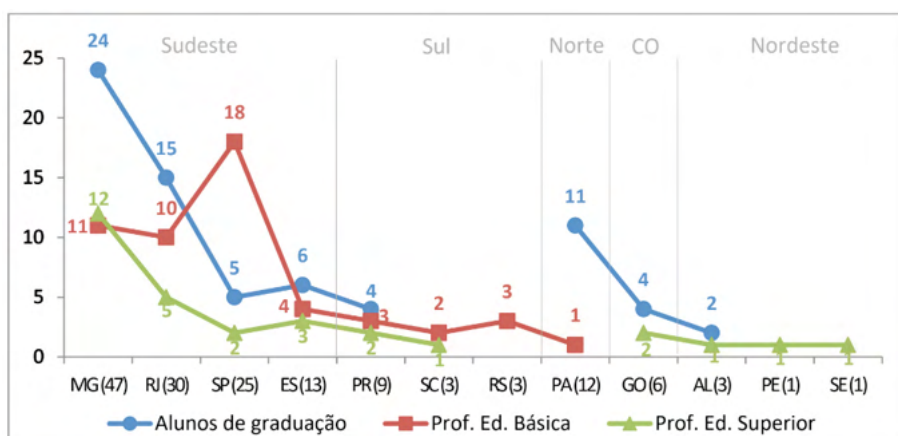


Figura 2: Distribuição por estado das instituições em que estudavam ou trabalhavam os sujeitos (Total do estado).

Fonte: pesquisa direta.

No primeiro gráfico (Fig. 1) os dados demonstram que, na maioria (105 ou 67%), os sujeitos entrevistados estavam vinculados a instituições de ensino do Sudeste, seguida de longe pela Região Sul (15 ou pouco menos de 10%). Essas são as duas regiões que apresentam representantes dos três grupos de sujeitos participantes da pesquisa (AG, PEB e PES). Detalhando melhor os dados no segundo gráfico (Fig. 2), se constata que: predominam instituições de Minas Gerais (47 ou 30%), onde se deu o evento em que foi realizada a coleta dos dados; apenas das Regiões Sudeste e Sul havia sujeitos vinculados a instituições em todos seus estados, mas, no entanto, só na primeira esses sujeitos eram AG, PEB e PES, o que na Região Sul aparece apenas para o Paraná; nos outros sete estados há presença de sujeitos de apenas um ou dois dos grupos; na Região Nordeste havia sujeitos de instituições de três estados e nas Regiões Norte e Centro-Oeste, apenas de um cada.

Os dados considerados para caracterizar os sujeitos da pesquisa nos permitem delinear um perfil dos três grupos e do conjunto dos sujeitos. Os alunos encontravam-se, na maioria, na faixa etária correspondente à graduação iniciada logo após a conclusão do ensino médio e cursando licenciatura em Geografia em instituições públicas. Os professores de educação básica, na maioria, são jovens de até 30 anos, graduados em Geografia em universidades públicas, exercendo a docência da disciplina em escolas públicas e, pode-se considerar, ainda no início da carreira docente (até 10 anos de magistério). Os professores de educação superior são, predominantemente, adultos jovens e docentes de universidades públicas, nas quais cursaram licenciatura, bacharelado e doutorado em Geografia e onde também se encontram no início de carreira no magistério superior, mas já com significativo tempo de experiência docente na educação básica.

Um traço comum predominante e significativo do perfil dos sujeitos participantes da pesquisa é a relação com a Geografia através da educação pública, tanto da escola básica quanto da universidade, tanto pela formação na licenciatura quanto pelo exercício da profissão docente.

3 I ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas, realizadas no campo por 25 alunos da graduação participantes do projeto, foram do tipo estruturada, na forma de questionários com itens comuns e outros específicos para cada grupo de sujeitos (AG, PEB e PES). Entre os itens comuns, a última pergunta feita a todos os entrevistados foi: *Para você, qual é a maior importância de se ensinar-aprender geografia na escola?*

A análise das respostas dos sujeitos a essa pergunta se fez em três etapas, procurando-se em cada uma: 1 – identificar a importância atribuída predominantemente ao ensino-aprendizagem de geografia na escola por cada grupo dos sujeitos; 2 – verificar se essa importância está relacionada com contribuições específicas do conhecimento

geográfico; 3 – comparar as respostas dos três grupos de sujeitos e verificar se há diferenças expressivas em relação aos aspectos anteriores. Cada uma dessas etapas iniciou-se tomando diretamente as respostas dos sujeitos de cada grupo, nas quais se buscou identificar as ideias nucleares ou centrais sobre a importância atribuída à disciplina na escola e referências a aspectos específicos do conhecimento geográfico. Em seguida, foram comparadas as respostas dos sujeitos de um mesmo grupo e classificadas de acordo as ideias nucleares ou centrais comuns, sintetizando-as na descrição de cada classe.

Foram analisadas e classificadas primeiro as respostas de AG e, ao se analisar as do segundo grupo, de PEB, já se verificou que algumas classes de respostas se repetiram ou eram muito próximas em termos das ideias nucleares, o que também se observou em relação ao grupo de PES. Essas classes, então, foram descritas nos três grupos da mesma forma, quando reuniam as mesmas ideias nucleares, ou com os mesmos descritores junto a outros que definiam ideias nucleares próximas, mas que não foram expressas da mesma forma nas respostas da classe correspondente dos outros grupos de sujeitos. São exemplos desses casos as classes “A” nos três grupos de sujeitos; a classe “B” nos grupos de AG e PEB e classe “C” de PES; bem como as classes “C” entre AG e PEB e “B” de PES, estas reunindo respostas que mencionavam aspectos específicos do conhecimento geográfico. Em seguida, foi feita a mensuração de cada classe de respostas dos grupos de sujeitos para, por fim, se comparar as classes de respostas dos grupos em termos quantitativos e qualitativos. Apresentamos no quadro a seguir as classes que foram definidas com seus descritores de ideias nucleares e os percentuais de respostas dessas classes nos grupos de sujeitos, destacando com cores iguais as classes que reúnem ideias iguais ou com mais semelhanças (Quadro 1).

Notam-se grandes proximidades entre as classes de respostas predominantes nos três grupos de sujeitos tanto em relação às ideias centrais que sintetizam quanto à distribuição proporcional de respostas que incluem. A ideia de que a maior importância de se ensinar-aprender geografia na escola reside na contribuição dessa disciplina para proporcionar e desenvolver visão e leitura de mundo e entendimento da realidade (classe “A” nos três grupos) é predominante nos grupos de AG e PEB (37% e 38% respectivamente) e no de PES divide o maior número de respostas com a classe “B” desse grupo (34% em cada), empatando com ideias relacionadas com contribuições específicas da Geografia.

Outra ideia bastante presente nos três grupos está relacionada com a formação de cidadãos críticos e atuantes na transformação social, correspondendo à classe “B” nos grupos de AG e PEB e à classe “C” entre os PES, respectivamente, com 28%, 26% e 20%. As classes “D” e “E” dos três grupos são numericamente menos expressivas (até 11% das respostas em cada grupo) e reúnem ideias que remetem à importância da disciplina para a vida e o cotidiano do aluno, a formação humana, a superação da crise socioambiental e do ensino tradicional.

Nos três grupos, apenas uma das classes de respostas relaciona a importância da

geografia na escola com contribuições específicas do conhecimento geográfico. Entre os AG e PEB essa classe é a “C”, terceira posição na ordem das mais expressivas em termos quantitativos, respectivamente com 18% e 19% das respostas desses grupos. Entre os PES é a classe “B”, com 34% das respostas, proporcionalmente bem maior que nos outros dois grupos, mas dividindo o maior número de respostas com a classe “A”, ou seja, dos PES que apontaram a importância relacionada com visão, leitura ou compreensão do mundo.

Embora a Geografia como disciplina escolar possa e deva contribuir para a formação em todos os aspectos apontados nas diferentes classes de respostas dos sujeitos, a grande maioria destacou contribuições que são comuns de todas as disciplinas da educação básica.

CLASSE	DESCRITORES E PERCENTUAIS DAS CLASSES POR GRUPO DE SUJEITOS					
	AG	%	PEB	%	PES	%
A	Para proporcionar visão de mundo e entendimento da realidade.	37	Para proporcionar visão de mundo e entendimento da realidade.	38	Para desenvolver uma visão de mundo, ampliar a leitura e a compreensão do mundo.	34
B	Para formar cidadãos com pensamento crítico.	28	Para formar cidadãos com pensamento crítico e transformadores da realidade.	26	Porque proporcionar leitura racional para compreensão da produção, organização e reprodução do espaço, das relações e dinâmicas socioespaciais em que estamos inseridos e do mundo, para se situar no mundo a partir do conhecimento geográfico.	34
C	Para compreender o espaço, a realidade socioespacial e as relações sociedade-natureza.	18	Para pensar e conhecer o espaço produzido e o mundo com visão e conceitos da Geografia.	19	Para formar cidadãos críticos, como sujeitos e protagonistas sociais.	20
D	Porque a geografia está no cotidiano e é necessária para a vida.	11	Para aprender geografia para a vida, a formação do ser humano, importando mais os aspectos relacionais do que os conteúdos.	11	Para ensinar processos sustentáveis, defender nosso modo de vida e contribuir para a superação da crise social-ambiental.	10
E	Para transformar o ensino através das relações professor-aluno e de métodos não tradicionais.	5	Para relacionar com a vida do aluno e a para a leitura do cotidiano.	6	-	-

Quadro 1: Classificação e percentuais de respostas por grupo de sujeitos da pesquisa. Organizado pelo autor.

A Geografia na escola é importante para a compreensão e a leitura do mundo e

da realidade, mas para isso também contribuem a História, a Biologia, a Matemática, a Sociologia, a Física e todas as disciplinas do currículo, assim como para a formação do cidadão crítico, a formação para a vida, a formação do ser humano, procurando-se estabelecer relações com a vida e o cotidiano do aluno. São aspectos gerais da educação que, inclusive, aparecem em documentos curriculares oficiais como objetivos ou finalidades da educação básica ou como orientações metodológicas para abordagem de temas e conteúdos de ensino das diversas disciplinas, nesses casos quando se refere a estabelecer relações com a vida e o cotidiano do aluno ou a buscar alternativas para se superar o chamado ensino tradicional.

A questão da sustentabilidade e da crise socioambiental também não é exclusividade e nem especificidade da Geografia no currículo escolar, integrando o tema transversal Meio Ambiente, que dev ser abordados por todas as disciplinas com seus enfoques próprios. Tal temática figura também no currículo escolar como conhecimento específico da área de ciências naturais, principalmente em Biologia, no ensino médio, e Ciências, no fundamental.

Cada disciplina escolar tem suas contribuições específicas para a formação geral do aluno e que as justificam no currículo da educação básica. Tais contribuições dizem respeito aos objetos, teorias, conceitos, categorias de análise, métodos, técnicas, enfim, os conhecimentos próprios elaborados, acumulados, desenvolvidos pelas ciências de referência dessas disciplinas acerca da realidade a partir dos objetos, temas, questões e problemas dos quais se ocupam historicamente. Professores de geografia, para fazerem cumprir a função da disciplina na escola, precisam ter claro qual é sua contribuição específica no currículo, o que se define a partir da Geografia como ciência:

Como toda ciência a geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território." (CORRÊA, 2005, p. 16)

Considerando que “a função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudo, e sim a partir dele colaborar para a compreensão do todo”, Oliva (1999) acrescenta que “a geografia, por intermédio de seu objeto de estudo – o espaço geográfico – pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla” (p. 46), tomando o espaço geográfico, no contexto da renovação da Geografia, como elemento componente da sociedade que permite examinar e explicar as questões sociais de uma perspectiva geográfica (p. 36). Assim, a dimensão espacial da realidade é fundamental como potencial explicativo no mundo contemporâneo, ainda acompanhando o autor, que cita John Berger, para quem “o contexto histórico a cada instante contém coisas demais e desiguais, que só são compreensíveis num contexto espacial” (OLIVA, 1999, p.

35).

Mas a simples menção ao espaço geográfico ou a aspectos a ele relacionados pode não ser suficiente hoje para se compreender mais profundamente a importância da Geografia no currículo escolar, para se conquistar maiores reconhecimento e valorização sociais desse saber. Tampouco para a compreensão da importância atribuída ao espaço pela própria Geografia enquanto ciência, pois, como apontado por Oliva (1999), se hoje há praticamente consenso entre os geógrafos de que o espaço geográfico é o objeto central de conhecimento da Geografia, esse conceito, assim como os demais conceitos-chave da Geografia, comporta diferentes acepções e ocupa posições de destaque também diferentes, conforme as principais correntes do pensamento geográfico, o que bem demonstra Corrêa (2005).

Corrêa lembra que espaço não constitui conceito-chave para as correntes da chamada geografia tradicional (positivistas ou historicistas) e que, apesar de todas as críticas à Geografia teórico-quantitativa (lógico-positivista), que surge a partir da década de 1950 como crítica à Geografia Tradicional, é com essa corrente neopositivista que “a geografia passa a ser considerada ciência social” e que “o espaço aparece, pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como conceito-chave da disciplina”. No entanto, aparece sob as formas de planície isotrópica e de sua representação matricial, com uma “concepção de espaço derivada de um paradigma racionalista e hipotético-dedutivo”, sob a “visão da unidade epistemológica da ciência, unidade calcada nas ciências da natureza, mormente a Física” (CORRÊA, 2005, p. 17; 20). Concepção abstrata de espaço que desconsidera o caráter histórico, as contradições e relações sociais na constituição do espaço geográfico.

A Geografia Crítica, alicerçada no materialismo histórico dialético e opondo-se radicalmente às geografias tradicional e teórico-quantitativa, recoloca e redefine em outras bases o espaço como conceito-chave da disciplina, o qual só “aparece efetivamente na análise marxista a partir da obra de Henri Lefèvre”, na qual “o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (CORRÊA, 2005, p. 25; 26). Carlos (2002, p. 167) lembra que Lefèvre propõe a leitura crítica do legado de Marx e, ao contrário dos marxistas que abandonaram o marxismo, outros seguiram no caminho da crítica do marxismo por dentro. Sobre a questão do significado de produção no pensamento marxiano, a autora, dentre outras importantes observações quanto a simplificações e mesmo desvirtuamentos do materialismo histórico dialético em muitos trabalhos da Geografia Crítica brasileira, refere-se a uma vertente economicista presente ainda hoje, na qual:

[...] o homem aparece enquanto força de trabalho e o espaço como um produto direto da ação do capital. Nesse sentido, negligenciou-se o significado da noção de produção bem como o sentido social da reprodução. Aqui, a necessidade de se pensar a realidade como uma totalidade em movimento ignora o sentido social da produção do mundo. (CARLOS, 2002, p. 165)

Já a Geografia Humanista, que surge na geografia brasileira na década de 1970, acompanhada da retomada da Geografia Cultural na década seguinte, também se coloca como crítica àquela corrente neopositivista, “contudo, é a retomada da matriz historicista que caracterizava as correntes possibilista e cultural da geografia tradicional” (CORRÊA, 2005, p. 30). Daí também o rebaixamento do espaço como conceito-chave nessas abordagens geográficas. Tendo como base filosófica principalmente a fenomenologia e o existencialismo, centrando-se na compreensão e não na explicação do real, “a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal”, para a qual “o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido” (idem, p. 30). Assim, o espaço é focado a partir de aspectos ligados ao afetivo, ao imaginário, às representações simbólicas, ao sagrado e ao místico nas relações do sujeito com o espaço vivido, dos valores e significados que lhe atribui. Daí, a relevância maior do lugar como conceito-chave, no entanto, com abordagens que não buscam explicações e limitam-se à descrição das aparências.

A análise fenomenológica aparece como contemplação desinteressada dos objetos do mundo considerados como fenômenos e estabelece a suspensão de todas ideias prévias sobre a natureza dos objetos.

[...] O postulado básico é o espaço vivido como mundo da experiência imediatamente anterior às ideias científicas. (CARLOS, 2002, p. 166)

Mas se a Geografia Humanista tem predominado em grande parte dos estudos realizados nas últimas décadas na geografia brasileira, não parece ser nessa perspectiva que a maioria dos sujeitos de nossa pesquisa pensa a importância da geografia na educação básica.

Embora as respostas não explicitassem claramente opções por tendências metodológicas do pensamento geográfico, o que não se pretendia nem se esperava com a pergunta feita aos sujeitos, pode-se afirmar que na grande maioria há aproximações e identificação com o ideário da Geografia Crítica para a disciplina escolar. Se considerarmos em conjunto as respostas das classes “A”, “B” e “C” dos três grupos de sujeitos, que correspondem a mais de 80% das respostas de cada grupo, nota-se que são centrais ideias de formação de cidadãos críticos como sujeitos transformadores, de ampliação da capacidade de leitura e compreensão da realidade do mundo, em que o conhecimento geográfico aparece relacionado ao espaço de natureza social, como parte da sociedade, referindo-se à sua produção e reprodução sociais. No entanto, isso não significa que a geografia ensinada, praticada, seja a Geografia Crítica, pois a prática no ensino pode não corresponder às teorias declaradas, como bem demonstrou Mizukami (1986) em seu estudo clássico na área da Didática.

Contudo, se professores e estudantes de geografia de escolas e universidades públicas pensam que o mais importante dessa disciplina no currículo escolar é a formação

de cidadãos críticos capazes de compreender a sociedade a partir do espaço socialmente produzido e transformar a realidade, residindo aí a maior importância de ensinar-aprender geografia na escola, entendemos que, no quadro da geografia brasileira apresentado por Carlos (2002), ainda é só a Geografia Crítica que pode dar essa contribuição para a cidadania, para a formação do cidadão de fato conforme aquela definição de Damiani (1999), que contempla o que a Geografia tem de próprio, de específico e de indispensável para essa formação e para a compreensão do todo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados demonstram que a maioria dos estudantes e professores de geografia de escolas e universidades públicas de várias partes do país que foram entrevistados na pesquisa não menciona aspectos específicos da ciência ou dos conhecimentos geográficos na importância que atribuem ao ensino-aprendizagem de geografia na educação básica. Maioria ainda mais ampla parece identificar-se com o ideário da Geografia Crítica na disciplina escolar.

No entanto, esses sujeitos apresentam um perfil marcadamente de jovens e adultos jovens formados, em formação inicial ou exercendo a docência em escolas e universidades públicas predominantemente da Região Sudeste do país e que participavam de um evento nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) voltado para o ensino de geografia. Esse perfil comum dos sujeitos participantes da pesquisa não permite generalizações para o universo dos estudantes e professores de geografia do país a partir dos resultados apresentados. Sabemos que a maioria destes é formada em instituições de ensino privadas, inclusive, hoje, em cursos a distância, e que geralmente não participa de eventos científicos na área, dentre os quais os realizados pela AGB nos últimos quarenta anos têm historicamente se constituído como espaços de formação crítica na geografia brasileira.

Contudo, os sujeitos da pesquisa constituem parte representativa do importante quadro de geógrafos que estão pensando, debatendo e propondo caminhos para o ensino e a formação em geografia no Brasil a partir de nossa realidade educacional que, neste momento de agravamento da crise política e de retrocessos sociais, coloca em risco a manutenção da disciplina no currículo escolar de toda a educação básica. E, é nesse sentido que os resultados dessa pesquisa podem contribuir para aperfeiçoar e fortalecer a defesa da Geografia na escola.

As ciências e as disciplinas escolares como saberes têm suas particularidades em termos de contextos, abrangências, exigências, demandas, finalidades e procedimentos próprios para produção, circulação e aplicação dos conhecimentos. Ensinar na escola, portanto, não se trata de simples transposição de conhecimentos da ciência de referência para a disciplina escolar. Mas são os conhecimentos científicos e seus métodos de

elaboração que podem proporcionar o desenvolvimento do pensamento teórico-conceitual necessário para a reconstrução crítica das concepções fragmentadas, desarticuladas, equivocadas, preconceituosas, limitadas e limitantes para se compreender a realidade e o funcionamento do mundo social e natural em suas relações e nele intervir racionalmente de forma mais eficaz, eficiente, esclarecida, responsável, propositiva e ética em relação à sociedade e à natureza.

Dessa forma, o conhecimento geográfico como conhecimento científico, mais elaborado, mais sistematizado, mais desenvolvido sobre a realidade socioespacial do mundo, sobre o espaço geográfico, é a referência para o conhecimento escolar em Geografia. E no conhecimento geográfico como um conhecimento específico e indispensável sobre o mundo para a compreensão da realidade como um todo, o que não se alcança sem a consideração do espaço, reside a importância da disciplina escolar. Seu valor educativo, como aponta Oliva (1999), está no pensamento teórico, que caracteriza o conhecimento científico, acerca de seu objeto de estudo, o espaço geográfico.

O pensamento teórico em Geografia na perspectiva da Geografia Crítica é que possibilita compreender e explicar a complexidade socioespacial do mundo para além das aparências e, tendo se renovado intensamente, não deve ser tomado como difícil para os professores, pois, “complicado é preparar aulas sem saber em que consiste a nossa disciplina, qual é sua contribuição no conjunto dos saberes” (OLIVA, 1999, p. 44-45). Ensinar bem essa geografia na escola é a melhor e mais poderosa defesa da sua presença no currículo escolar e contribuição mais ampla e efetiva para sua valorização e seu reconhecimento social, pois é através da escola que todos os não geógrafos podem saber do que se trata a Geografia, qual é a sua importância hoje para todo cidadão e, logo, as consequências para a cidadania se a Geografia for sonogada na escola básica.

Se não temos clareza sobre o que só a Geografia pode proporcionar na formação intelectual e nas práticas sociais das novas gerações, muito possivelmente a geografia ensinada na escola não cumprirá sua função enquanto conhecimento específico e necessário à formação dos alunos e, assim, fragiliza-se a defesa de sua manutenção como componente obrigatório do currículo de toda a educação básica. Essa situação se agrava no atual contexto de reforma curricular envolvendo demanda de carga horária para novos componentes ou aumento da carga de outras disciplinas que gozam de maior valorização. A Lei nº 13.415 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) têm a Geografia, assim como as demais disciplinas da área de Ciências Humanas, como um possível e talvez mais fácil alvo a ser abatido no currículo escolar do ensino médio.

No entanto, no atual contexto sócio-político e educacional do país, tal investida não se daria se os homens do poder desconhecêssem a importância da Geografia em sua vertente crítica radical para a construção da cidadania de fato e o perigo que isso lhes representa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental. Ensino Médio. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2018.

_____. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Publicação: Diário Oficial da União em 17 de fev. de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em 10/04/2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**, São Paulo-SP, Ano 18, v. I, n. 18, p. 191-178, jan./jun. 2002. (Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB)

CORRÊA, R. Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 7.a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 15-47.

DAMIANI, Amélia L. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 50-61.

MIRANDA, Sérgio Luiz; BARBOSA, Tulio. Uma pesquisa sobre docência em Geografia com campo no VII Fala Professor: prática como componente curricular na graduação em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 17.o, 2012, Belo Horizonte-MG, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2012. Disponível em: <<http://www.eng2012.agb.org.br/trabalhos-completos?start=2320>>. Acesso em: 16/10/2012.

MIZUKAMI, **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental. Ensino Médio. Área de Ciências Humanas. Geografia. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2018.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 34-49.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 3, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 28, 29, 39, 40, 41, 42, 45, 48, 50, 62, 73, 85, 86, 90, 93, 96, 97, 98, 101, 107, 109, 112, 115, 117, 119, 121, 136, 137, 139, 140, 147, 166, 170, 172, 173, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198

Aprender 14, 15, 19, 20, 21, 25

Aprendizagem 16, 19, 25, 177, 184, 199

Avaliação 59, 86

B

Brasil 16, 25, 27, 28, 29, 37, 38, 39, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 67, 70, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 85, 87, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 112, 117, 121, 135, 138, 139, 146, 147, 148, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 177, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 197, 198

C

Cidadania 16, 25, 26, 27, 69, 81, 122, 146, 181

Cidade 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 65, 67, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 95, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 118, 121, 135, 167, 169, 170, 173

Conflito 64, 110, 139, 144, 145, 146, 147

Conhecimento 3, 10, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 90, 98, 164, 165, 179, 182, 183

Contexto 6, 12, 14, 16, 17, 22, 26, 27, 32, 38, 40, 47, 48, 51, 56, 87, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 105, 107, 115, 122, 125, 132, 177, 178, 181, 190

Cultura 1, 2, 3, 8, 12, 45, 49, 50, 51, 67, 68, 92, 93, 111, 118, 121, 135, 139, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

D

Dados 16, 17, 19, 32, 33, 34, 40, 42, 55, 59, 61, 62, 73, 76, 82, 86, 88, 90, 96, 107, 109, 111, 115, 117, 121, 137, 139, 140, 142, 146, 164, 172, 173, 174, 181, 182, 187, 188, 191, 192, 195, 196, 197, 198

Desenvolvimento 7, 9, 11, 17, 26, 27, 32, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 78, 81, 93, 112, 115, 121, 135, 137, 138, 148, 164, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 199

Desenvolvimento regional 64, 68, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Diversidade 7, 30, 33, 41, 67, 177, 180, 184, 190

E

Educação 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 40, 47, 51, 55, 59, 63, 66, 68, 69, 82, 92, 93, 118, 172, 174, 180, 190, 197, 199

Educação geográfica 199

Ensinar 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26

Espaço 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 63, 64, 65, 70, 74, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 137, 138, 141, 142, 147, 167, 169, 170, 172, 173, 179, 183, 186

Espaço geográfico 15, 22, 23, 26, 29, 98

Estudo 13, 16, 22, 24, 26, 28, 29, 31, 33, 36, 39, 42, 53, 55, 64, 69, 71, 73, 79, 80, 84, 86, 96, 98, 99, 106, 108, 137, 147, 186, 187, 188, 190, 192, 196, 197

F

Fonte 2, 4, 18, 42, 43, 44, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 77, 84, 87, 88, 89, 90, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 140, 144, 145, 182, 189, 191

Formação 8, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 46, 58, 68, 70, 71, 73, 81, 95, 96, 101, 104, 106, 107, 108, 110, 171, 183, 184

G

Geografia 1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 38, 42, 52, 53, 54, 63, 64, 70, 71, 74, 81, 95, 96, 97, 99, 106, 107, 108, 135, 137, 148, 164, 170, 199

H

Humano 7, 8, 21, 22, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 98, 124, 156, 179, 189, 196

I

Indígena 1, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 103, 172, 181

Informação 33, 65, 69, 82, 83, 86, 93, 97, 172, 197

L

Linguagem 1, 2, 10, 12, 65, 82, 94, 168, 178, 186

Lugar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 22, 24, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 54, 55, 59, 60, 63, 64, 65, 73, 100, 121, 131, 139, 161, 167, 179, 183

M

Metodologia 10, 13, 17, 41, 73, 86, 115

Mobilidade urbana 42, 43, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 121, 122

Município 34, 35, 39, 40, 43, 44, 45, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,

66, 67, 71, 82, 87, 88, 103, 109, 112, 113, 115, 121, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 146, 147, 169, 182

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 21, 23, 24, 26, 29, 70, 75, 96, 98, 99, 106, 108, 110, 135, 177, 178, 179

Necessidade 23, 37, 47, 50, 69, 74, 76, 78, 83, 97, 101, 102, 110, 119, 137, 147, 164, 169, 170, 173, 177, 181, 183

O

Ocupação 31, 34, 35, 36, 56, 57, 58, 74, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 98, 102, 103, 104, 112, 114, 138, 166, 196

Organização 6, 8, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 67, 68, 69, 99, 101, 112, 147, 177, 180, 183

P

Paisagem 11, 22, 83, 84, 92, 110

Participação 54, 58, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 91, 147, 165, 180, 197

Patrimônio 45, 50, 83, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 100, 102, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Pesquisa 1, 2, 6, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 49, 50, 51, 61, 62, 65, 71, 73, 80, 82, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 106, 107, 112, 115, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 138, 142, 147, 148, 174, 187, 188, 192, 199

Pessoas 6, 7, 15, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 53, 54, 56, 57, 58, 65, 74, 78, 110, 111, 112, 117, 119, 143, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 180, 184, 196

Poder 1, 26, 32, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 49, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 74, 81, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 111, 137, 146, 160, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 179, 184, 186

População 29, 32, 37, 49, 51, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 91, 101, 105, 112, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 181, 189, 190, 197

Problema 3, 11, 34, 78, 110, 111, 113, 144, 146, 172

R

Relações 2, 3, 4, 7, 8, 15, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 34, 36, 37, 48, 51, 63, 65, 68, 78, 91, 96, 97, 99, 137, 141, 168, 170, 171, 178, 180

Rio 7, 11, 12, 27, 38, 41, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 119, 121, 122, 147, 169, 173, 174, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 198

S

Sociedade 1, 3, 6, 8, 9, 10, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 33, 37, 38, 46, 47, 63, 68, 70, 74, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 111, 119, 139, 147, 148, 165, 169, 170, 172, 178, 180, 181, 182, 186, 187

Socioambientais 57, 69, 147

Socioeconômicas 111

T

Tecnologia 31, 37, 39, 41, 67, 148

Teórico 3, 26, 28, 29, 183

Território 6, 10, 11, 22, 36, 38, 53, 61, 66, 70, 73, 79, 82, 86, 88, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 121, 135, 137, 138, 144, 169, 174, 176, 177, 183, 184, 185, 186, 191, 199

Trabalho 2, 14, 16, 17, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 57, 67, 68, 69, 74, 96, 98, 99, 106, 109, 112, 115, 119, 121, 135, 139, 141, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 185, 187, 188, 190, 191, 192, 196

Turismo 51, 82, 85, 93, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 177

U

Urbano 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 73, 74, 76, 78, 80, 82, 85, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 121, 127, 168, 169, 170, 173, 174, 196

V

Violência 7, 75, 105, 109, 110, 111, 117, 121, 135, 142, 146, 148, 168



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade


Ano 2021



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

GEOGRAFIA:

Espaço, ambiente e sociedade


Ano 2021